

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO  
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM PEDAGOGIA DA ARTE  
FERNANDO SOUTO DIAS NETO**

**O CASO DE ALEX NA OBRA FÍLMICA XXY: UMA ANÁLISE DE CORPO,  
GÊNERO E SEXUALIDADE NO CINEMA ARGENTINO**

Porto Alegre  
2011

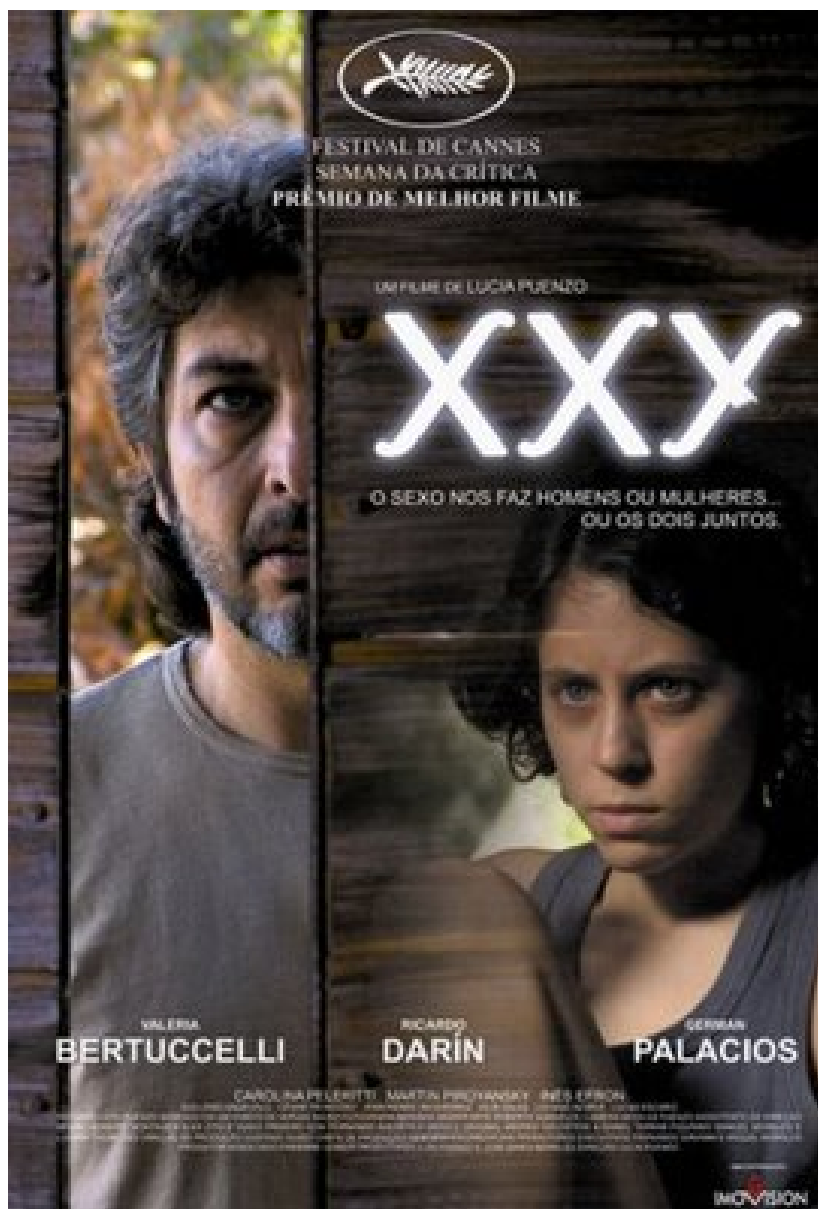
FERNANDO SOUTO DIAS NETO

O caso de Alex na obra filmica XXY: uma análise de corpo, gênero e sexualidade no cinema argentino

Trabalho apresentado como requisito parcial, para a conclusão do curso de especialização em Pedagogia da Arte do programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Orientadora: Prof<sup>a</sup> Dra. Ruth Sabat

Porto Alegre  
2011



Capa da obra. Fonte da imagem: <<http://zencultural.blogspot.com/2008/06/dvd-xyy.html>>

Certa vez, perguntaram ao poeta Sandro Penna porque ele só escrevia poemas sobre rapazes, quase como uma obsessão, como se o mundo não estivesse cheio de tantos temas, coisas e fatos. Ele simplesmente respondeu: Ah, meu querido, o resto me entedia a pederastia ou a atração por rapazes conforma talvez a mais antiga forma de homotextualidade no Ocidente, com raízes profundas na lírica greco-latina. Este amor, este desejo será então nosso frágil condutor por esses fragmentos.

(Denílson Lopes)



O filho do médico e a jovem Alex compondo o casal protagonista do filme XXY. Fonte da imagem: <<http://menschenkind.wordpress.com>>

## RESUMO

O cinema, desde seu surgimento, vem até seus consumidores elaborar novos imaginários, (des)legitimar estilos de vida, (des)construir identidades. O Filme XXY mostra a história de uma jovem adolescente hermafrodita, assunto que provocou o surgimento de inúmeras questões durante esta pesquisa; questões que vão desde a análise da inserção da figura feminina no cinema, dos estudos sobre gênero e sexualidade, as fronteiras entre feminilidade e masculinidade, a questão da identidade sexual, até os impactos que a jovem enfrenta, devido a sua condição biológica na sociedade. Em 2007, é lançado o filme XXY, dirigido pela argentina Lucía Puenzo. A história trata de um romance fictício, entre Alex (interpretada pela jovem atriz Inés Efron) e um adolescente. Todo esse romance coexiste com o drama que passa a jovem com uma doença genética fazendo com que ela possua características dos dois sexos. Um médico vai visitar a família de Alex, devido ao quadro que ela se encontra e por se recusar a tomar os hormônios, estes que inibem a masculinização do seu corpo por completo. O médico leva consigo seu filho, um jovem que logo desperta uma relação de afeto e amizade com Alex. A partir de então a protagonista passa uma jornada em busca de vivência e autoconhecimento, a fim de tomar uma decisão sobre seu corpo e tendo que assumir uma identidade, que será descoberta no final da história. De um lado da relação está um adolescente com o corpo masculino e de outro, temos Alex, uma adolescente que na película não é explicitamente desvendada, somente após uma leitura sobre o filme poderá ser identificado que a jovem é hermafrodita.

**Palavras-chave:** Cinema Argentino; Corpo; Fragmentação; Gênero; Sexualidade.

## ABSTRACT

The cinema, since its emergence, comes to its consumers to elaborate new imaginaries, (de) legitimate lifestyles, (de) construct identities. The Movie XXY shows the history of a young hermaphrodite adolescent, subject that caused the beginning of numerous questions during this research; questions that comes since the analysis of the insertion of the feminine figure in the cinema, from the studies of gender and sexuality, the borders between femininity and masculinity, the question about the sexual identity, until the impacts that the young faces, due to her biological condition in society. On 2007, the movie XXY is released, directed by the Argentine Lucía Puenzo. The history is about a fictional romance, between Alex (played by the young actress Inés Efron) and an adolescent. All this romance coexists with the drama that passes with a young and a genetic illness in which does that she get characteristics from both genders. A doctor come to see Alex's family, due to the condition that she's been and because she refuses to take the hormones, these that inhibit the masculinisation of her body. The doctor takes with him his son, a young that soon awake a relationship of affection and love with Alex. From then the protagonist passes a journey in search of experience and self-knowledge, in order to make a decision about her body and having to assume an identity, which will be discovered by the end of the history. From one side of the relation is an adolescent with a masculine body and from the other, we have Alex, an adolescent that in the movie isn't explicitly unveiled, only after a reading about the movie will be identified that the young is hermaphrodite.

**Keywords:** Argentine Cinema; Body; Fragmentation; Gender; Sexuality.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO.....</b>	<b>9</b>
<b>2 A BUSCA DA CONSTRUÇÃO DE UM CONCEITO DE CINEMA PÓS- MODERNO.....</b>	<b>12</b>
<b>3 A PROBLEMATIZAÇÃO DE UM CORPO ESTRANHO NA PELÍCULA.....</b>	<b>15</b>
<b>4 DISCURSOS ESTABELECIDOS SOBRE O CORPO, GÊNERO E SEXUALIDADE.....</b>	<b>19</b>
<b>5 EMBATE ENTRE O CORPO MASCULINO E O CORPO “FEMININO- MASCULINO”.....</b>	<b>23</b>
<b>6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>27</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	<b>30</b>



## 1 INTRODUÇÃO

“O conceito de cultura é profundamente reacionário. É uma maneira de separar atividades semióticas (atividades no mundo social e cósmico) em esferas, às quais os homens são remetidos. Isoladas, tais atividades são padronizadas, instituídas potencial ou realmente e capitalizadas para o modo de semiotização dominante – ou seja, elas são cortadas de suas realidades políticas” (ROLNIK; GUATTARI, p. 21, 1986)

Tudo começou no meio da noite, quando um canal da televisão fechada começava a transmitir aquela obra, que futuramente se tornaria o objeto de estudo deste trabalho. A introdução trazia as letras “XXY”; na primeira vez em que assisti, a dublagem a traduzia por *Síndrome de Klinefelter*. Foi pelo título e pela temática que a película chamou minha atenção, em um primeiro contato.

Na primeira sequência de imagens, a linguagem ácida e crítica do filme já se revela, quando o pai da jovem protagonista, trabalhando com a fauna marinha local, classifica os animais dizendo “este é macho”, “este é fêmea”. Esta categorização das existências atravessa todo o enredo e incita o espectador a pensar: que corpo cada gênero ou orientação sexual estão autorizados ou desautorizados a amar?

Na película estão presentes também imagens dos jovens numa perseguição, fuga ou algo que não nos deixa claro, talvez propositalmente como uma estratégia da diretora de conduzir o olhar a um mistério, até o ser de “corpo estranho”, diferente, com alguma anormalidade, sendo repudiado pelo outro que foge. Esta dança entre sedução, segredo e repulsa também permeia a história.

Logo temos o desenvolver da trama quando Alex é nos apresentada, como uma jovem que nega-se a tomar seus hormônios, que inibem o avanço da masculinização do seu corpo. O conflito da personagem, entretanto, realmente se estabelece quando é despertado em si um

forte desejo de se relacionar afetivamente com o filho de um médico que vem da Argentina com sua família para orientar o seu caso.

Estas características do filme estimularam as reflexões desta pesquisa na esfera da problematização do corpo, do gênero e da sexualidade, por meio dos conflitos da jovem Alex e do filho do médico. Outra questão que se levanta é a do o determinismo de gênero, por meio da relação erótica e afetiva estabelecida entre o casal central da película: as características sexuais dos corpos não os impedem de se relacionarem.

Outro fator que é levado em conta é a discussão feita de como a obra XXY entraria numa relação de cinema pós-moderno, onde tenta-se discutir tal conceito e os debates que giram em torno dele, levando em conta seus contextos e teorias que são envolvidas, principalmente reflexivas em alguns casos, o seu impacto social ideológico, ou simplesmente como entretenimento.

Busca-se uma reflexão sobre o NCA (Novo Cinema Argentino), e a tentativa de compreender esse movimento ou escola, e quando podemos aplicá-lo, tentando da melhor maneira possível, fazendo uma proximidade e confrontando com os diferentes métodos, e escolas a que se tornam objetos e servem de embasamento, para a construção de matrizes na construção de pesquisas envolvendo o audiovisual, e demais temas a que as obras abordam, ou a maneira como são construídas.

A metodologia desenvolvida para esta pesquisa é a utilização da análise semiótica do discurso, com elementos de estudo de caso. Sendo que:

Discurso significa “em curso”, em movimento. Assim, a discursividade implica a compreensão de que a mensagem é construída no interior de uma conversa e é concretização de um ato. A linguagem é um instrumento de comunicação que está sempre em atividade, seja nas relações cotidianas, coloquiais, seja nas interações institucionais, formais. (MANHÃES, 2009, p.305)

Os discursos que permeiam o social, se mostrando na película como por exemplo o médico que irá ser analisado, se faz necessário a apropriação deste método para a análise e construção deste estudo. Outro elemento que se faz presente e aparece como forma singular de analisar o fenômeno presente na película é o estudo de caso. Para Yin apud Duarte 2009 o estudo de caso é uma inquirição empírica que investiga um fenômeno contemporâneo dentro

de um contexto da vida real, quando a fronteira entre fenômeno não é claramente evidente e onde múltiplas fontes são utilizadas, logo estudo de caso serve como uma porta de entrada para uma utilização de diversos métodos, não se constituindo necessariamente uma metodologia de pesquisa

Utilizando-se de métodos como os estudos de Eduardo Manhães sobre análise do discurso, Marcia Duarte sobre Estudo de Caso, tomando estes dois autores como referencial que determinam uma metodologia a ser empregada neste trabalho, busca-se a análise filmica da obra “XXY”, mesclando com elementos da semiótica e elaborando uma matriz de pesquisa própria, a fim de dar conta do presente objeto como um todo.

Procura-se então através desta temática, utilizando-se dessa metodologia, entender como se (des) constrói o sujeito, após ter passado por uma série de processos que levam à fragmentação de sua identidade, como o corpo, o gênero e sexualidade, conduzindo o desejo do jovem casal submetido às tensões do discurso médico, e aos estigmas sociais de uma sociedade que não está preparada para encarar e aceitar o sujeito com suas diferenças.

## 2 A BUSCA DA CONSTRUÇÃO DE UM CONCEITO DE CINEMA PÓS-MODERNO

A construção de um conceito de cinema pós-moderno já vem sendo tratada a um tempo relativamente curto, porém os exemplos em que se encontram, seja para exaltar, ou até mesmo banalizar, existem e são muito marcantes e perceptíveis.

Em Rocky IV, é abordado o duelo entre o ocidente e o oriente ideologicamente marcado pelos sistemas capitalistas e socialistas, indiretamente fazendo com que o lutador soviético tenha seu preparo para a luta com a tecnologia soviética, enquanto o do lutador norte-americano, de maneira mais rústica, sendo em uma fazenda nas montanhas na União Soviética. O duelo é marcado pela dianteira tomada pelo russo, tendo por fim uma virada excepcional pelo norte-americano. Isso o faz de um exemplo de cinema moderno onde tem-se os dois pólos (bipolaridade), capitalismo e socialismo em confronto pela disputa da influência logo não se tratando de uma abordagem pós-moderna.

O autor Teixeira Coelho 1999 nos traz uma abordagem sobre os signos nos dois pólos como que a cultura pop internacional liquidificada exemplifica este tipo de objeto, incapaz de distinguir entre valores, é o espelho na qual uma parcela da publicidade se reflete mas que não reflete – ainda em todo caso a cultura, porém ainda se lembra de sentimentos como aversão diante de grandes gracinhas proposta por muitos desses “signos pop” de que fala o autor.

Algumas características, pinçadas de filmes de gêneros tão diferentes, auxiliam a compor um quadro de entendimento da pós-modernidade audiovisual. O desencanto irônico com as regras e leis estabelecidas (inclusive estéticas); os conflitos ideológicos, que se dão não apenas entre blocos políticos ou econômicos, mas atingem o sujeito em sua vida cotidiana microfísica; e a dúvida existencial frente a um cenário de abundância tecnológica mas de pobreza vital, criadora, questionadora, pulsante, são as características de alguns desses filmes também presentes em “XXY”. “Essa relação é virtualmente infinita, uma vez que “pós-moderno” passou a ser utilizado, desde meados daquela década, como elogio ou insulto em relação a todo filme que agradasse ou desagradasse a quem falava ou escrevia.” (PUCCI JR., p.363, 2009)

Porém, observa-se a relação da definição de cinema pós-moderno com XXY, através da jovem adolescente, que vive numa fazenda enfrentando questões particulares, relacionadas

com o seu corpo e sua sexualidade. Com a chegada do médico, que traz consigo sua família, a protagonista tem o envolvimento com um garoto, este filho do médico.

Basta por ora assinalar que tal filme desafiava as categorias cinematográficas: clássica, modernista, vanguardista, expressionista, surrealista - nenhuma delas parecia dar conta de suas especificidades. Aqui se considera que essa é a mais interessante aplicação do conceito de pós-modernismo ao cinema: designar o que foge às classificações tradicionais da teoria. (PUCCI JR., p.363, 2009)

Logo a diretora Lucía Puenzo faz um belo trabalho, unindo a questão do romance entre os adolescentes, com a anormalidade genética de Alex, inserindo-se assim a figura do médico, afim de, descobrir uma solução para que a estrutura fálica do corpo da jovem fosse retirada, porém, ela já havia se envolvido afetivamente com seu filho, que possuía características masculinas no seu corpo.

O filme é visual. Sob o ponto de vista da estética, esse fato liga-o de imediato com as artes visuais, ou seja, aquelas menos precisa e mais habitualmente chamadas de artes plásticas. Imagem mais movimento: essa é a definição de um filme; e se podemos introduzir na estética da arte as modificações requisitadas por esse novo fator, teremos então uma estética do cinema. (READ, p.36, 1969)

A estética filmica proposta por Puenzo é fragmentária, dentro da narrativa linear. O próprio corpo da protagonista é frequentemente mostrado aos pedaços, em *close*, por vezes semi-escondido em sombras, outras vezes apenas sugerido em figurinos *unissex*.

Através dessa fragmentação visual denota-se a fragmentação do sujeito e da identidade sexual da jovem Alex. Os conflitos com a própria corporeidade e com os desejos, temáticas comuns na adolescência ocidental moderna e contemporânea, são desmantelados e em seguida potencializados. O raciocínio sugerido parece ser o seguinte: o espectador não sabe ao certo “o que” o corpo de Alex é, portanto, não tem como saber ao certo “quem” Alex é. Consequentemente, não se pode deduzir “a quem” Alex pode orientar o seu afeto e o seu desejo e “quem” está apto a corresponder.

Ultrapassando a lógica cartesiana, positivista e cientificista das classificações de sentimentos e corpos, a personagem Alex leva o espectador a uma (re)construção, (re)elaboração, (re)constituição do seu Eu para um gênero por si própria, capaz de ter um potencial de expressão perante ao meio social, defendendo-se das práticas discursivas sobre a

qual tem suas ações inibidas pela “problemática” de seu corpo.

É possível defender a idéia de que modelos psíquicos criados pelas estruturas capitalistas sociais e interpessoais (principalmente aquelas formas do final do século XIX que perduraram até o nosso século) exigiram a imediata criação de uma máquina (o cinema) que liberasse seu inconsciente e uma ferramenta analítica (a psicanálise) que compreendesse e ajustasse os distúrbios causados por essas estruturas restritivas. Até certo ponto, esses mecanismos (cinema e psicanálise) sustentam o *status quo*, não necessariamente de forma eterna e imutável como o concebemos, mas inserindo-o na história, isto é, vinculando-o àquele momento específico do capitalismo burguês que deu vida a ambos. (KAPLAN, p.44, 1995)

Nas análises que se tem inicialmente aos estudos cinematográficos, observa uma grande utilização da obra filmica, ou película como objeto e logo após uma transição para onde o foco de estudo acaba sendo o próprio público ou o receptor das imagens projetadas na tela, realizando assim uma fuga de uma pesquisa tradicional, como ciência exata, porém não menos empírica, digna de resultados tão quanto a análise da obra como um todo inserido no meio social, somado a seus impactos e produção de sentidos. “O modernismo de boa parte do cinema contemporâneo europeu – seu simbolismo, reflexão e literalidade global – fez com que esses departamentos tratassem os filmes como literatura com imagens. Foi um método de análise e uma institucionalização que ainda está em processo de transformação.” (TURNER, p.47, 1997). Mais tardes os métodos se tornariam consolidados, ramificando-se em infinitas vertentes que temos nos dias de hoje.

A maioria dos teóricos afirma que as sociedades contemporâneas demonstram um novo ou reforçado grau de fragmentação, pluralismo e individualismo. Isso se relacionaria em parte com as mudanças ocorridas na organização do trabalho e na tecnologia, destacadas pelos teóricos pós-fordistas. Pode ser associado também ao declínio da nação-estado e das culturas nacionais dominantes. A vida política, econômica e cultural é agora muito influenciada por fatos que ocorrem no nível global. Esse fenômeno teve como um de seus efeitos, inesperadamente, a renovada importância do local e uma tendência para estimular culturas subnacionais e regionais. (KUMAR, p. 132, 2006)

Desta forma se utiliza-se destes conceitos, fazendo apropriações na aplicação para uma obra cinematográfica dita pós-modernista, neste estudo temos XXY utilizada.

### 3 A PROBLEMATIZAÇÃO DE UM CORPO ESTRANHO NA PELÍCULA

Através da estética que é abordada se apresentando até nós espectadores e de todo o quadro que compõe a cena, o chamado *mise en scène*, utiliza-se neste estudo um objeto para realizar a problematização, a construção de um método, de uma matriz, que possa nos fazer compreender como se faz a construção, a desqualificação, todos os jogos de cena que se mostram para despertar os sentidos no telespectador, ocorrendo a recepção da película e a forma que interpreta na sua realidade.

[...] antes estético poderia ser um exercício físico, um corte de cabelo, uma limpeza de pele ou uma lipoaspiração; podendo se referir ainda ao desenho de um novo carro, ao modo como dispendo os móveis em minha casa, à forma como fulana se arruma, ou mesmo à tosa de um animal de estimação, agora nesta origem filosófica, vemos que a palavra estética está ligada à arte e ao belo. Muitas coisas chamamos de arte, mas, sobretudo, aquilo que se produz como música, literatura, o que se mostra cenicamente e o que nos vem através de outros meios visuais. (SANTOS, p.18, 2003)



Chamada da obra. Fonte da Imagem: <<http://atealimitedahonra.blogspot.com/2010/11/cinema-lgbt.html>>

A polêmica sobre “XXY” já começa pelo título que, ao tentar fazer um jogo com o código sexual masculino (XY) e feminino (XX), acendeu a ira dos especialistas, uma vez que

XXY refere-se a uma anomalia cromossômica específica, e não aos casos de ambigüidade genital que caracterizam o hermafroditismo.

"O filme é muito bonito e mostra com grande sensibilidade os possíveis problemas dos hermafroditas e da sua família, mas o título é totalmente enganador", afirma no comentário sobre o filme Paola Grammatico, diretora do laboratório de Medicina Genética de San Camillo-Forlanini. "Na medicina, XXY é relacionada à *Síndrome de Klinefelter*, que só atinge o sexo masculino e não é ligado a distúrbios de função ou identidade sexual, o que é muito diferente da ambigüidade genital," esclareceu.

Desde o século XVIII o sexo não cessou de provocar uma espécie de erotismo discursivo generalizado. E tais discursos sobre o sexo não se multiplicaram fora do poder ou contra ele, porém lá onde ele se exercia e como meio para seu exercício; criaram-se em todo canto incitações a falar; em toda parte; dispositivos para ouvir e registrar, procedimentos para observar, interrogar e formular. (FOUCAULT, p.34, 2001)

Deslizes classificatórios à parte, o trunfo da diretora é justamente prender a atenção do espectador ao despertar o voyeurismo pelo exótico: o que ou quem realmente é Alex, que gênero e sexualidade ela está autorizada a "confessar", em que momento o sujeito protagonista deixa de ser apenas uma genitalidade a ser espetacularizada ou mantida em segredo e se torna a representação midiaticizada de uma pessoa?

Quando Roland Barthes (1994) vem até nós apresentar um debate semiológico, onde se vida de forma fragmentária o discurso amoroso através das relações antigas estabelecida, permeando o romantismo na literatura principalmente, utiliza-se como relação neste estudo a abordagem feita pelo autor e a película estudada.

O casal formado por Alex mais o adolescente se constrói de maneira estilhaçada, termo que é trazido por Barthes, em partes, fatias, a exemplo "um bolo folhado onde cada camada, em seu oco joga com a língua num logro consciente, saboroso (saber e sabor tem a mesma raiz). Movimentos e operações, de preferência a conceitos, misturam obsessão e desvio" (BARTHES, 1994, p.126).

Logo os fragmentos enunciados por Barthes, assim como a película de Puenzo nos leva a uma inquietação, e por que não uma excitação do espectador, ao qual se é tocado e acaba no decorrer direcionado e voltado a torcer pelo feliz final entre o casal, onde os dois sujeitos possuem características semelhantes e desejos estabelecidos um pelo outro.



No fim do século XIX, a sexualidade, como nos ensina Michel Foucault (1985), passa a se mostrar cada vez mais central na constituição do sujeito moderno, num processo de valorização da intimidade que já vinha se processando desde o romantismo. Essa centralidade da sexualidade na construção do sujeito moderno levou a proliferação de saberes que tratam da questão, como a psicologia, a psicanálise e a sexologia. Paralelamente à *publicização* do falar de si, que assumirá proporções nunca vistas na cultura de massa - como observamos pela quantidade de programas de tevê e de rádio, de *sites* na internet centrados no debate sobre sexualidade, não raramente levando a uma espetacularização do privado -, a intimidade passa a ser politizada. (LOPES, p.379, 2009)

O A sexualidade desta forma passará a ser discutida, falada, problematizada, tornando o debate público saindo do meio privado, onde antes era banida, censurada e agora é colocada de maneira a “falar de si”. Dessa forma o meio audiovisual vem e atinge o público através de obras abordando o gênero e a sexualidade muitas vezes quebrando o padrão estético e em seguida ingressando em uma nova estética, sendo XXY configurando um quadro de relação afetiva entre um jovem com o corpo masculino e uma jovem com o corpo híbrido, fragmentado, hermafrodita.

Sendo um filme colocado como pós-moderno, onde temos uma era, toda uma época consolidada antecedida pelo modernismo, passando desde a criação do cinema até suas transformações, com as escolas cinematográficas e as vanguardas, observamos o cinema argentino que é uma categoria dotada de uma expressão considerada, levando em conta o contexto do terceiro mundo em que esta inserido, inclusive já ter ingressado em festivais internacionais, sendo reconhecido e premiado, inclusive faturando algumas estatuetas entre elas oscar de melhor filme estrangeiro com a obra A História Oficial 1985 (*La Historia Oficial*) dirigido por Luis Puenzo e O Segredo de seus Olhos 2009 (*El Secreto de sus Ojos*) sobre a direção de Juan José Campanella.

Sobre Novo Cinema Argentino (NCA) Molfetta afirma-se:

Em vários sentidos, essa geração se relaciona com o humanismo existencial do neo-realismo: diante de um mundo destruído, devemos filmar este mundo para fazer do cinema uma experiência de assunção de uma responsabilidade diante de nossa liberdade. Filmagem em locações reais, atores não profissionais, a diferença está no pessimismo. Se, para o neo-realista, o cinema caminhava no sentido de devolver o homem à ambigüidade do mundo, tomando uma posição, o NCA trouxe um realismo segundo ao qual o mundo é de um modo e nós – impotentes – nos adaptamos para

sobreviver a suas circunstâncias, salvando apenas o que nos é essencial. Talvez porque o NCA seja um cinema do seu presente, sem distanciamento. (MOLFETTA, p.179, 2008)

Com um elenco com atores conhecidos no circuito argentino, e uma parte de jovens constituem o elenco de XXY. A obra marca como inserção na corrente do Novo Cinema Argentino, seguindo uma lógica, abordada anteriormente, onde as locações são os próprios locais reais como o lugarejo onde se vive uma espécie de clima bucólico, transitando por uma região portuária do interior uruguaio, somado a uma flora e fauna local, onde aproxima as situações e ambientações de uma forma bem real. Logo o casal que protagoniza a trama se constitui através da problemática dos corpos, cada vez mais fadados a um pessimismo que os permeiam e que tentam inibir seus momentos afetivos de serem vivenciados livremente.

#### 4 DISCURSOS ESTABELECIDOS SOBRE O CORPO, GÊNERO E SEXUALIDADE

Quando têm-se a visita do médico e sua família a casa de Alex, a pedido do pai da jovem, o objetivo deste era buscar uma solução para o quadro clínico de sua filha, ou seja, seu corpo necessitava de um certo hormônio para inibir a masculinização e conter seu avanço, sendo que a jovem já não mais o tomava, logo o médico apresenta a proposta racional de uma cirurgia com características de "corte" de estruturas fállicas. A relação do corpo com a medicina vem de longa data. Segundo Del Priore no século XVI o saber médico.

[...] o "doutor" ocupava-se dos corpos, sobretudo no momento de partos dificultosos e doenças graves.

Ao penetrar o mundo fechado de pudores, mistérios e usos tradicionais dessa espécie de terra desconhecida que era o corpo feminino, o médico interrogava a sexualidade da mulher e era também por ela interrogado. Os ciclos menstruais, a gestação, os "males da madre" eram criteriosamente cadastrados para que se sublinhassem as diferenças sexuais. O saber médico insuflava aos percursos temporais femininos uma verdadeira dramaturgia, na qual desvios, doenças e acidentes vinham sancionar os defeitos, os excessos ou a normalidade de suas fisiologias (DEL PRIORE, p.26, 2009).

A figura do médico na obra surge de maneira a penetrar no íntimo da protagonista, fazendo com que ela apresente seu quadro, criando um vínculo pessoal, muitas vezes fugindo da questão profissional. Se o médico em si já carrega o discurso da medicina, na qual se faz legitimar inúmeras questões envolvidas no contexto, neste caso, Alex têm seu corpo problematizado e abordado ao telespectador como um ser "estranho" e que deve ser "consertado".

Com o envolvimento afetivo entre os dois adolescentes, o garoto tem sua atenção chamada pelo pai, pois este sabe do quadro médico de Alex, reprovando o relacionamento, mostrando os estigmas que a jovem sofre perante os agentes sociais. “Em vez da preocupação uniforme em esconder o sexo, em lugar do recato geral da linguagem, as características de nossos três últimos séculos é a variedade, a larga dispersão dos aparelhos inventados para dele falar, para fazê-lo falar, para obter que fale de si mesmo, para escutar, registrar, transcrever e redistribuir o que dele se diz.” (FOUCAULT, p.34, 2001)

Na sua trajetória a personagem encontra-se na busca de uma identidade, interrompida cada vez que é questionada sobre a sua sexualidade, fazendo com que seu papel social seja

desdobrado e que a questão de gênero venha a imergir de maneira marcante, sendo sua função na sociedade abordada como uma incógnita.

Hoje, como antes, a determinação dos lugares sociais ou das posições dos sujeitos no interior de um grupo é referida a seus corpos. Ao longo dos tempos, os sujeitos vem sendo indiciados, classificados, ordenados, hierarquizados e definidos pela aparência de seus corpos; a partir dos padrões e referências, das normas, valores e ideais da cultura. Então, os corpos são o que são na cultura. A cor da pele ou dos cabelos; o formato dos olhos, do nariz ou da boca; a presença da vagina ou do pênis; o tamanho das mãos, a redondeza das ancas e dos seios, são sempre, significados culturalmente e é assim que se tornam (ou não) *marcas* de raça, de gênero, de etnia, até mesmo de classe e de nacionalidade. Podem valer mais ou valer menos. (LOURO, p.75, 2008).

O corpo até então sendo representado como uma simples forma física, com o decorrer do tempo vai passar a conter um determinismo ideológico, assim, conforme começa a imergir os estudos de gênero e, ocorre rupturas e enfrentamentos de maneira a (re)pensar as estratégias como forma de problematização do contexto em que se permeia as discussões.



Fonte: montagem realizada por Elizabeth Ansell, Olivia Coffey, N. Evelyn Cooke, Elizabeth Cunningham, Clare Din, Ayasha Guerin, Alex Remnick, Kateryn Silva, Hersh Singh, obtida em: <<http://photoupenn.blogspot.com/2009/11/xy-this-is-not-pornography-december-3.html>>

A questão seja ela baseada no masculino ou no feminino traz aos debates acadêmicos e no cotidiano da população uma abordagem muito recente e relevante, trazendo neste estudo

XXY, um caso que mostra o romance entre dois jovens com o corpo masculino, sendo interrompido pelo discurso médico, que legitima Alex como o ser diferente e estranho.

O Entre os conceitos que se cabe operar nesta pesquisa está o de gênero como sendo formulado. "É através das feministas anglo-saxãs que *gender* passa a ser usado como distinto de *sex*. Visando "rejeitar um determinismo biológico implícito no uso de termos como sexo ou diferença sexual"[...]" (LOURO, p. 21, 2010).

O sufragismo surgiu como uma das três primeiras ondas feministas, que surge na sociedade através das mulheres brancas e de classe média, estas reivindicando novas maneiras de se expressar como, acesso a educação e novas propostas de trabalho. Vale destacar que esta onda era uma forma de manifestação excludente, já que sua composição era feita por mulheres com características muito específicas, assim formando um grupo bem distinto.

A segunda onda feminista inicia-se no final da década de 1960, onde irá ser marcada pela fase de contestação, logo indo além das questões políticas e sociais, fazendo inclusão das discussões teóricas. Na terceira ocorre o desmembramento de gênero e sexo, onde o primeiro passa a ser determinado pelo papel social que o sujeito exerce e não o determinismo biológico.

Surge a questão que a partir da década de 1970 os movimentos ligados as questões de gênero ganham força, pois haviam surgido em meados da década de 1960 juntamente com a contracultura. No cinema norte-americano em 1959 tem-se um marco no cinema de gênero, que é quando a homossexualidade vai ao cinema em *O Último Verão (Suddenly, Last Summer)*, que é trazido por Guacira Louro, como o primeiro filme americano voltado ao grande público ou ao circuito comercial, onde se tinha uma obra inspirada numa peça de Tennessee Williams e rodado inteiramente na Inglaterra, fazendo com que o filme necessitasse de uma permissão da Igreja Católica para que fosse produzido.

Outro aspecto que é indicado por Denilson Lopes, que identifica outra questão é a secundarização de personagens lésbicas no auge da censura norte-americana nos anos 1930 a 1950, onde os papéis das atrizes são apresentadas apenas como vampiras, presidiárias, na maior parte das vezes como mulheres masculinizadas. Logo com nossos personagens latinos temos a figura de Alex central que vem a quebrar com essa corrente, e de seu parceiro que a compor juntamente com ela seu cotidiano e a manter relações afetivas e físicas, criando uma

cumplicidade entre ambas as partes, que irá resultar na tomada de uma grande decisão da jovem ao final da trama.

## 5 EMBATE ENTRE O CORPO MASCULINO E O CORPO “FEMININO-MASCULINO”

Quando ocorre o embate entre Alex, uma menina com o corpo com traços masculino e o adolescente, com o corpo masculino, ocorre uma simples relação, e no momento em que há uma forte aproximação, é necessário levar em conta este caso, devido aos problemas que a jovem enfrenta, de aceitação de si para si mesmo, até a aceitação de si para o outro e para a sociedade, na qual ela se reproduz como sujeito.

No filme *Meninos não Choram* (*Boys don't Cry 1999*), da diretora Kimberly Pierce, temos um exemplo de uma jovem que busca a construção de uma identidade sexual, rompendo fronteiras do feminino e tentando encaixar-se num padrão estético masculino para encontrar uma parceira, na qual ela se relaciona no decorrer da trama. Este filme é um dos exemplos clássicos do chamado “*Cinema Queer*”, que é um movimento recente com a elaboração de festivais, onde se tem a produção, divulgação e premiação de diversos longas e curtas, porém essa produção enfrenta alguns entraves como a captação de verba ao incentivo de suas obras, por exemplo.

Queer pode ser traduzido por estranho, talvez ridículo, excêntrico, raro, extraordinário. Mas a expressão também se constitui na forma pejorativa com que são designados, homens e mulheres homossexuais. Um insulto que tem para usar o argumento de Judith Butler (1999), a força de uma invocação sempre repetida um insulto que ecoa e reitera os gritos de muitos grupos homofobos, ao longo do tempo, e que, por isso, adquire força, conferindo um lugar discriminado e abjeto àqueles a quem é dirigido. (LOURO, p.38, 2008)

Além da violência física que Alex é submetida no decorrer da história, e que ocorre com a protagonista de *Meninos não Choram*, sendo violada pelos outros jovens do lugar onde vive, por não estarem preparados a conviver com a diferença, sofre também com aqueles que não a aceitam, e ainda a perseguem. Colocando-os a margem da sociedade, fazendo com que fiquem reclusos em pequenos grupos, proporcionando o isolamento.

Nestes exemplos temos o corpo do sujeito, como o veículo que irá fazer a comunicação da relação com o próximo, através do desejo a que tal indivíduo tem despertado em si pelo outro, logo sentindo a necessidade de se manifestar e se relacionando e

interagindo.

O corpo é signo de uma mediação entre o mundo objetivo e o subjetivo. O corpo é feito de uma mistura impossível de realidade e irreabilidade. A realidade são ossos, músculos, sangue, cérebro, neurônios e hormônios. Carne que respira, pulsa e sangra. Mas esse mesmo corpo chora, ri, ama, luta, comunica-se e produz arte, movido por irreabilidades. Os espaços psíquicos e corporais são indissociáveis. Tradicionalmente, a separação entre o orgânico e o psíquico apenas consagra a fraqueza natural do primeiro e a força espiritual do segundo. O inconsciente impõe às atividades das zonas sensoriais o poder de gerar experiências de prazer e sofrimento: é a paixão, aquilo que une o sentimento ao corpo através da linguagem. Esse encontro marcado pela subjetividade é frágil, voluntário e incerto, mas é uma única evidência de que existe vida. (DROGUETT, p.33, 2001)

Logo esse corpo em cena, desejado em momentos, repudiado por outros é levado a se confessar através de medos, desejos, afetos que fogem do controle, trazendo uma inquietação, devido a fragmentação do sujeito onde já não se tem ao certo as explicações para o caso, onde os discursos buscam regular o comportamento em curso referente a sexualidade de Alex.

Na película temos Alex com seu corpo estranho, adquirindo força de representação e expressão, mostrando uma troca de ambientes em conflito, pois a protagonista é uma adolescente de uma praia no interior do Uruguai, de estilo de vida em torno de um meio bucólico e passa a se relacionar com um garoto vindo da metrópole (Buenos Aires) e filho do médico, aproximando dois mundos diferentes. Pelos olhares externos, da família e da população local, esta última que sente - se incomodada pelas diferenças que a jovem carrega, surgem embates que mostram como a jovem pode, através do seu corpo, mesmo obtendo traços masculinos, interagir com o meio social e os demais agentes.

As ficções do cinema, com seu papel de abrandar os medos da humanidade, trazendo monstros para a tela, têm criado formas híbridas de humanos e outras coisas que surpreendem o imaginário mais fértil. "Guerra nas estrelas", por exemplo, apresentou um desfile de novas criaturas, de robôs de lata a seres falantes e inteligentes de duas cabeças, de hologramas vivos à jediis muito feios e sábios, enfim um excesso digno das feiras de terror. Um excesso pós-moderno ou neobarroco, segundo Calabrese (1998), em que novas formas, novos monstros são desestabilizadores, porque revertem a ordem tradicional das categorias de valor. Assim, o Jedi, protagonista de "Guerra nas estrelas", é muito velho, pequeno, rosto esverdeado e enrugado, seu semblante é um misto de homem e símio; apesar de disforme ele é bom, justo e sábio. (DE CARLI, p.181, 2009)



A história aborda um dos primeiros contatos da jovem com um garoto local, quando ocorre à invasão do seu íntimo, e Alex se sente violada, o que lhe provoca uma reação de agressão contra este outro jovem. Desta forma, mostra-se o significado de como é levada a abordagem deste corpo que a Alex possui perante a sociedade, ou seja, temos a jovem com seu corpo hermafrodita, com características masculinas e femininas que repeli a aproximação das demais pessoas, fazendo com que através desta justificativa, leve a sociedade a acreditar que o caso de Alex deve ser resolvido, pois já atingiu determinado significado e relevância.

O significado a que Alex adquire e é submetida após ter seu íntimo violado, e posteriormente revela aos demais, leva os membros da comunidade a classifica-la, estigmatizá-la, discriminá-la, como um problema, ou mal que deve ser expelido, retirado daquele meio, mandado embora. Mesmo muitos não sabendo da sua condição física, pois ela fica oculta, essa questão traz de maneira que o real venha de maneira "fragmentada" não a inserindo-a como um todo, a tornar o sujeito com marcas por traços que ela carrega consigo mesma. Logo terá seus afetos despertados por outro adolescente, independente de sua imagem ou corpo, que é por ele aceito e agregado de maneira receptiva, mesmo não se obtendo o conhecimento do quadro clínico de Alex. "IMAGEM. No terreno amoroso, as feridas mais profundas são provocadas mais pelo que se vê que pelo que se sabe." (BARTHES, p.124, 1994). Logo o romance é vivenciado após o corpo sido revelado, levando um a aceitar o outro com seus corpos masculinos e no caso de Alex com características femininas concomitantemente.

CORPO. Todo pensamento, toda emoção, todo interesse suscitado no sujeito apaixonado pelo corpo amado[...] Seu corpo estava dividido: de um lado, seu corpo propriamente - sua pele seus olhos - doce, caloroso, e, de outro, sua voz, breve, contida, sujeita a acessos de afastamento, sua voz que não dava o que seu corpo dava. Ou ainda: de um lado, seu corpo molengo, morno, na massiez exata, fofinho, se fazendo de desajeitado, e, de outro, sua voz - a voz, sempre a voz -, sonora bem formada, mundana, etc. (BARTHES, p.62, 1994)

Analisando o caso do relacionamento em questão na película usada como objeto neste estudo, Alex sempre deixa claro seu quadro para seu novo amigo, o que em nenhum momento provoca aversão do rapaz a jovem, porém Alex prevê e acredita que o futuro dos dois não terá continuidade, pois a medicina tem um destino reservado para a jovem e seu

quadro clínico, ou ela acabara se masculinizando por completo, ou irá optar por uma cirurgia com características de corte, ou seja e até aí que vai o limite da trama onde a jovem terá que optar por uma decisão mas entre ela e a escolha, há o relacionamento com o jovem fadados a um esquecimento, a apagar uma pessoa, a transformar o sujeito, onde o corpo irá fazer uma transição ou dizendo uma desfragmentação, constituindo uma estética dita masculina ou feminina.

O corpo era um enigma à espera de decifração, e a história da profissionalização da medicina, como sabemos, é a da manutenção do controle sobre esse código-livro, o corpo. A autoridade do médico dependia da criação desse código, ou seja, da criação de corpos legíveis construídos a partir de várias técnicas de leitura e, conseqüentemente, de sua interpretação correta a fim de que essas inscrições pudessem ser intercambiadas entre membros da comunidade médica. É neste ciclo de inscrições, troca e leitura que se localizam simultaneamente tanto a objetividade do médico quanto a subjetividade do paciente e frequentemente, onde surge um abismo entre paciente e médico. (VIEIRA, p.81, 2000)

Nesta obra conseguimos fazer a visualização de uma jovem que é hermafrodita, obtendo características dos dois sexos, porém com uma questão de desejo bem forte e bem marcada, que é em relacionar com adolescentes de corpos masculinos, o que quando se é revelado torna-a motivo de ridicularização e repúdio no seu vilarejo, e da reprovação da família do seu parceiro. O desfecho se dará com uma intervenção médica e um discurso que deixa claro que a jovem não está autorizada a amar com seu corpo híbrido, a não ser que tenha uma sexualidade definida.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com o desenvolvimento desta pesquisa onde observou-se como objeto, uma obra de análise do cinema argentino, percebe-se a contribuição que esta película traz de maneira enriquecedora para o campo a que se inseri a pesquisa, nas questões que envolvem as abordagens desde juventudes, quanto corpo, gênero, sexualidade, desejos e os discursos que envolvem todo esse âmbito que gira em torno desta obra, que mesmo sendo de ficção vem até nós trazer um momento de reflexão a uma maneira de (re)pensarmos a sociedade em que vivemos com toda a carga de informação e diversidade de uma maneira cada vez mais fragmentada.

A uma primeira vista XXY remete a um quadro cínico característico a seres do sexo masculino, o que se faz pensar que este será o viés que conduzirá a trama, porém Lucía Puenzo, numa sacada genial, consegue ser muito feliz construindo através de uma linguagem poética e romântica, que irá abordar todos esses temas, inserindo de maneira inovadora e inteligente em sua abordagem, marcando seu nome como uma figura relevante no assunto.

O cinema argentino com esta obra passa a ter uma referência e a ser visto, tendo neste momento a atenção atraída para si, quando falamos de uma obra premiada com tema polêmico e imersão de alguns atores. Este filme será um dos percursores de uma série de filmes que precedem e sucedem uma abordagem de forte sexualidade, com exposição de gênero, além dos desejos, que se mostram em filmes como *Glue*, onde a mesma atriz protagonista de XXY atua como a garota principal de um triangulo amoroso, e também o outro longa de Puenzo lançado mais recente *O Menino Peixe*, onde a diretora coloca a história de uma jovem de classe alta da metrópole argentina que se envolve com sua criada que veio do Paraguai para trabalhar e buscar uma vida melhor fora de seu país de origem. As relações entre essas películas são importantes, pois elas marcam um estilo chamado de “homoerotismo” no cinema argentino e os coloca como uma vertente que aflora e vem ao tempo imergir.

Desta maneira nessa pesquisa podemos observar a importância dos estudos de gênero e sexualidade, cada vez mais presentes e atuantes na sociedade, adquirindo mais espaços dentro e fora da academia, ultrapassando barreiras e realizando rupturas com o sistema que busca cada vez mais colocar entraves na maneira de o ser-humano se expressar, se constituir, o que o leva a uma fragmentação do seu ser da sua identidade onde já não se sabe mais o que

é, não tendo bem definido o que se apresenta, como é o caso de Alex na obra onde ela rompe todo padrão e rompe as fronteiras do masculino e do feminino.

Os discursos que pretendem, através de idéias estabelecidas, regular a sociedade, como o discurso médico que na película é levado até Alex e mostrado como a solução mais racional para o seu caso, uma cirurgia com características de corte, onde seria realizada a retirada da estrutura fállica masculina, destruindo o sujeito e o impondo de maneira precisa uma identidade sexual, logo criando uma estética a base de hormônios, onde este assumira uma identidade masculina e assim deixando os traços femininos de lado e não vivenciando mais o romance com seu companheiro, ou seja neste ponto de vista, não se estaria autorizado a amar um outro sujeito com um corpo que obtivesse as mesmas características sexuais que ambos, pois no caso Alex é vista como um ser estranho que deve ser concertado.

A maneira que a obra incorpora em quem está assistindo, se faz quase como um clima de inquietação, revolta, excitação, onde não se basta ficar como espectador, assistindo e sim se dá início a um ritual, onde começa a ser pensado como se dará o fim da história do casal. Aonde antes tínhamos um corpo ocultado pelas sombras, pela baixa iluminação, no final nos fica claro para todos que apesar de possuir as duas características ela é aceita pelo seu parceiro, só que a problemática não envolve apenas o fato de ser aceita entre ambos, mas sim na questão social, que é onde sofre-se a violência física e psicológica.

Após sofrer devido sua situação, inclusive por encontrar-se numa fase de descobertas que é a juventude a adolescência, uma jovem hermafrodita deve ter muitas questões a si responder e a buscar. Ela recusa-se a tomar os hormônios causando um problema de grandes dimensões, até que tenta levar sua vida de maneira pacata e corriqueira no povoado provinciano, onde por conhecidência não se relaciona com garotas não tem um ciclo de amizades e acaba tendo seus afetos despertados pelo jovem filho do seu médico.

A questão que buscou com essa pesquisa é porque uma jovem como Alex com características dos dois sexos deve se submeter a uma cirurgia de cortes de estrutura fállica, e não apenas viver se rejeitando a tomar os hormônios, estando livremente para amar os sujeitos independentes dos corpos que possuem sejam masculinos e femininos, como neste caso? Porém o mundo hoje é circundado por discursos, tomados como verdades, que fazem com que se mantenham dentro deste sistema e o que o discurso médico provou e autorizou neste caso era uma solução racional onde buscava a definição de um sexo, de uma identidade onde Alex deveria se enquadrar, sendo ela colocada de maneira quase como sem escolha a fazer a

cirurgia e sofrer uma transformação, colocando de lado todo seu passado, correndo o risco de esquecer seus desejos e não podendo vivenciá-los novamente, pois seu corpo será outro, terá outra forma.

## REFERENCIAL

BARTHES, Roland. **Fragmentos do discurso amoroso**. Madrid: Siglo XXI editores, 2007.

\_\_\_\_\_. **Mitologias**. Madrid: Siglo XXI editores, 2007.

DEL PRIORE, Mary. **Ao sul do corpo**. São Paulo: Editora UNESP, 2009.

SANTOS, Fausto dos. **A Estética Máxima**. Chapecó-SC: Argos editora universitária, 2003.

DUARTE, Marcia “**Estudo de caso**”. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio. **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo, SP : Atlas, 2009.

FOLHA ONLINE. Filme argentino "XXY" vira alvo de críticas de médicos. Disponível em:<<http://www1.folha.uol.com.br/folha/ilustrada/ult90u305610.shtml>>. Consultado em 31 de outubro de 2010.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade. Vv. 1**. Rio de Janeiro: Graal, 1993.

KAPLAN, E. **A mulher e o cinema**. Rio de Janeiro: Rocco, 1995.

KUMAR, Krishan. **Da Sociedade Pós-Industrial à Pós-Moderna: novas teorias sobre o mundo contemporâneo**. Rio de Janeiro: ZAHAR, 2006

LOPES, D. “**Cinema e gênero**”. In: MASCARELLO, F. (org.). **História do Cinema Mundial**. Campinas, SP: Papyrus, 2006.

LOURO, G. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. Petrópolis: Editora Vozes, 2010.

\_\_\_\_\_. **Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

MANHÃES, Eduardo “Análise do discurso”. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio. **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo, SP : Atlas, 2009.

MOLFETTA, A. “**Cinema Argentino: a representação reativada (199, SO:0-2007)**”. In: MASCARELLO, F. (org.). **Cinema Mundial Contemporâneo**. Campinas, SP: Papyrus, 2008

PUCCI Jr, R. “**Cinema Pós-moderno**”. In: MASCARELLO, F. (org.). **História do Cinema Mundial**. Campinas, SP: Papyrus, 2006.

READ, H. **“A estética do filme. A poesia e o filme”**. In: GRÜNNEWALD, J (org.). A idéia do Cinema. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1969.

ROLNIK, Suely; GUATTARI, Félix. **Micropolíticas: Cartografias do desejo**. 7ª. ed. rev. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.

TURNER, G. **Cinema como prática social**. São Paulo: Summus, 1997.

VIEIRA, J. **“Anatomias do visível: cinema, corpo e cultura visual médica – uma introdução”**. In: SOCINE: Estudos de Cinema: Socine II e III. São Paulo: Anna Blume, 2000.

## FILMOGRAFIA CITADA

DOS SANTOS, Alexis. **Glue**. Argentina. 2006.

PIERCE, Kimberly. **Meninos não Choram (*Boys don't Cry*)**. EUA. 1999.

PUENZO, Lucía. **O Menino Peixe (El Niño Pez)**. Argentina. 2009.

PUENZO, Lucía. **XXY**. Argentina. 2007.

STALLONE, Sylvester. **Rocky IV**. EUA. 1985.